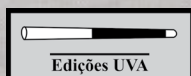


Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

Nossa Gente, Nossa História

O Ceará Republicano



Carlos Augusto Pereira dos Santos
Organizador

*Nossa Gente,
Nossa História*
O Ceará Republicano

Sobral-CE
2019



Nossa Gente, Nossa História. O Ceará Republicano

© 2019 copyright by Carlos Augusto Pereira dos Santos (Organizador)

Impresso no Brasil/Printed in Brasil.

Efetuada depósito legal na Biblioteca Nacional.



Rua Maria da Conceição P. de Azevedo, 1328
Renato Parente - Sobral - CE
(88) 3614.8748 / Celular (88) 9 9784.2222 / 9 9846.8222
sertaocult@gmail.com / mammarco@gmail.com

Conselho Editorial

Adriana Brandão Nascimento Machado
Carlos Augusto P. dos Santos
Isorlanda Caracristi
Nilson Almino de Freitas
Regina Celi Fonseca Raick
Telma Bessa Sales
Virgínia Célia Cavalcante de Holanda

Coordenação Editorial e Projeto Gráfico

Marco Antonio Machado

Revisão

Antonio Jerfson Lins de Freitas

Foto da capa

Passeio público, Fortaleza, 1919

Catálogo na publicação

Leolgh Lima da Silva – CRB3/967



Av. da Universidade, 850 - Campus da Betânia - Sobral - CE

CEP 62040-370 - Telefone: (88) 3611.6613

Filiada à



Reitor

Fabianno Cavalcante de Carvalho

Vice-Reitora

Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque

Diretora das Edições UVA

Maria Socorro de Araújo Dias

Conselho Editorial

Maria Socorro de Araújo Dias (Presidente)
Alexandra Maria de Castro e Santos Araújo
Ana Iris Tomás Vasconcelos
Carlos Augusto Pereira dos Santos
Claudia Goulart de Abreu
Eneas Rei Leite
Francisco Helder Almeida Rodrigues
Israel Rocha Brandão
Izabelle Mont'Alverne Napoleão Albuquerque
Maria Adelane Monteiro da Silva
Maria Amélia Carneiro Bezerra
Maria José Araújo Souza
Maria Somália Sales Viana
Maristela Inês Osawa Vasconcelos
Raquel Oliveira dos Santos Fontinele
Renata Albuquerque Lima
Simone Ferreira Diniz
Tito Barros Leal de Ponte Medeiros
Virgínia Célia Cavalcanti de Holanda

N785 Nossa gente, nossa história: o Ceará republicano. / Santos, Carlos Augusto Pereira. (Org.) - Sobral: Sertão Cult; Edições UVA, 2019. 294p.

ISBN: 978-85-67960-25-8
ISBN: 978-85-9539-035-5
DOI: 10.35260/67960258-2019

1. Sertão. 2. Educação 3. Cultura.
I. Título. II. Santos, Carlos Augusto Pereira.

CDD 981.31

Sumário

Nossa História, Nossa Gente. À guisa de prefácio e apresentação / 5

Parte 1 - O sertão da água, da seca e da religião

1. “O rio é uma riqueza imensa”: Usos e tradições sobre a importância da água no sertão de Santa Quitéria-CE (1960-1980) / 9

Maria Malena Paiva Mesquita

2. As mulheres e a seca: sobrevivência feminina em tempos de escassez em Varjota-CE (1980- 1990) / 19

Francisca Clédia Sousa de Oliveira

3. Os bastidores da seca: exploração dos trabalhadores nas frentes de serviço do Açude Araras, Varjota-CE (1951-1958) / 33

Letícia Rodrigues Gonçalves

4. Políticas públicas de combate à seca no município de Croatá-CE (1983-1996) / 45

Caubi Alves Braga

Naiane Nobre Martins

5. A seca e as obras de socorro no Ceará republicano (1889-1915) / 55

Pedro de Souza Filomeno Filho

6. Entre fanáticos e cassacos: a presença da Irmandade da Cruz nos sertões do norte do Ceará (1900-1903) / 65

Raimundo Nonato Fernandes

Parte 2 - O mundo do trabalho e da educação

7. “Se a gente fosse viver só de trabalhar pros outros a gente morria”. Memórias da Casa Grande: moradores, rendeiros e agregados na cidade de Alcântaras-CE (1907-1920) / 85

Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara

8. “Depois foi que veio essa modernização”: as transformações nos engenhos de cachaça artesanal em Alcântaras-CE (1960-2000) / 95

Adelina Lopes Guimarães

9. Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Coreauá-CE: criação e processo de organização (1965 a 1990) / 103

Sebastião Ferreira Carneiro

10. O Ensino de História e cultura indígena em Hidrolândia-CE: a Lei 11.645 de 2008 e os meios para uma descolonização da imagem do indígena / 119

Paulo Ênio de Sousa Melo

11. Práticas de combate ao analfabetismo no Ceará / 133

João Henrique Brito Lima

12. A Educação na República / 145

Natanael Lopes Alves

Parte 3 - Culturas e sociabilidades diversas

13. Historiografia e cinema: percepções da diversidade na sétima arte / 157

Vinícius Pereira de Sousa

14. Espaços de sociabilidades homoafetivas em Sobral-CE (1950-2018) / 175

Alan Silva de Moraes

15. “Zé Maria mulher”: representatividade e resistência umbandista em Sobral / 185

Antonio Tarciano Aragão Sousa

16. “Mas digo uma coisa, não é a gente que cura, mas sim Deus”. Memórias de benzedeiras em Alcântaras-CE / 197

Maria Deiziane Lino

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groairense / 205

Raimundo Sousa Alves

18. Corpo em movimento, *Street Dance* e agências de patrimonialização cultural: uma experiência de pesquisa (Sobral-CE) / 221

Cleane dos Santos de Medeiros

Nilson Almino de Freitas

19. Ambivalências poéticas nas canções de Belchior – a ida e o regresso / 233

Francisco Sávio Barbosa do Nascimento

Parte 4 - Política e economia nas tramas do cotidiano

20. A Ação Integralista Brasileira (AIB) e sua influência no interior do Ceará: memórias do Integralismo em Ibiapina / 247

Odail José Martins Freire

21. A economia e seus impactos: Uma análise sobre Camocim (1930-1950) / 255

Valério Samaromni Moraes de Queiroz

22. Emissoras de rádio de Camocim: o relacionamento com grupos políticos, cultura e comércio locais (1980-1989) / 261

Maely Alves de Mesquita

23. A história da República passa por aqui! Camocim-CE (1889-1950) / 273

Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História. À guisa de prefácio e apresentação

No semestre 2018.1, propusemos aos alunos da disciplina de História do Brasil III que escrevêssemos sobre a nossa gente, aquela que está mais próxima de nós, convivendo conosco ou mesmo um pouco distante num passado recente. A ideia era que se aproveitassem as pesquisas que estavam sendo feitas para a escrita dos seus respectivos TCC's e adaptássemos as temáticas para o período republicano, tempo que converge ao estudo da mencionada disciplina acima. Teríamos, portanto, uma espécie de painel do Ceará Republicana, pelos temas levantados nas primeiras aulas. Poucos alunos tiveram de sair do seu raio de pesquisa para cumprir com o objetivo final – publicar um livro com os artigos dos alunos em fase final de curso.

Durante todo o semestre, tivemos a discussão de uma obra que nos serviu de guia e inspiração: *Histórias da Gente Brasileira*. Volume 3, República. Memórias (1889-1950), de autoria da historiadora Mary Del Priore. Foi uma experiência interessante, pois cada vez que as discussões eram estabelecidas, sentíamos que aquelas histórias contadas, no caso do terceiro volume, narradas pelo viés da memória, eram questões que nos diziam respeito, que já ouvíramos contar pelos nossos pais e avós.

Por outro lado, constatamos também que estávamos especialmente longe dos exemplos contados nas diversas partes do livro referenciado. Apesar do fôlego e do abarcamento da obra empreendida por Mary Del Priore¹, o Nordeste e, especialmente o Ceará, pouco são citados. Logicamente que compreendemos os limites de um projeto editorial desta envergadura e da logística de pesquisa. Para nós, longe disso ser um aspecto desmotivador, ao contrário, fez com que, como se preenchêssemos uma lacuna, jogássemos todas as nossas forças na construção de histórias que representassem e contassem um pouco mais de nós.

O resultado foi a escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

¹ *Histórias da Gente Brasileira* é um projeto editorial escrito pela historiadora Mary Del Priore que cobre os diversos períodos da História do Brasil. Volume 1 – Colônia, Volume 2 – Império, Volume 3 – República (1889-1950) e Volume 4 (1950-2000), publicados pela Editora LeYa, 2017.

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Um último aviso ao leitor. Os textos aqui reunidos são de alunos em formação, mesmo estando em fase final de conclusão de curso. Expressam, portanto, suas trajetórias acadêmicas dentro de seus limites e potencialidades e devem ser entendidos e compreendidos dentro dessa dimensão. Como organizador, procurei interferir o mínimo no processo de orientação da escrita e incentivei que eles dividissem os processos de escrita com seus orientadores. Daí que, a maioria dos textos, já serem partes de suas monografias ou artigos finais de curso.

6 | Dizer, finalmente, que foi gratificante compartilhar saberes e ensinamentos com todos vocês, por isso o faço nominalmente: *Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antonio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samaronni Moraes de Queiroz e Maely Alves de Mesquita.*

Boa leitura a todos!

Carlos Augusto Pereira dos Santos (Org.)

Camocim, outubro de 2018.

17. “Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino”. Memórias sobre o reisado groairense

Raimundo Sousa Alves¹

*Eu vou levar esse bode/porque é meu ideal
E eu vou levar esse bode/prá mostrar pro pessoal
Quem tem barba puxa a barba/vai pro chiqueiro, bode
Quem não tem puxa o bigode/vai pro chiqueiro, bode.
Esse bode quando dança/ ele faz o vai e vem
Eu vou matar esse bode/num dou um taco a ninguém
Quem tem barba puxa a barba/vai pro chiqueiro, bode
Quem não tem puxa o bigode/vai pro chiqueiro, bode.
Esse bode é danado/ele parece com o cão
Vai-te embora bode velho/senão eu te /dou um safanão
Quem tem barba puxa a barba/vai pro chiqueiro, bode
Quem não tem puxa o bigode/vai pro chiqueiro, bode.
(Toada do Bode, cantada por Seu Tarcísio).*

|205

Introdução

O presente trabalho apresenta o reisado de Groaíras como uma manifestação da cultura popular que tem sobrevivido ao tempo e à ação da sociedade moderna, através da oralidade, uma vez que não foi encontrado nenhum registro escrito oficial desta expressão cultural até o ano de 2018, apesar das diversas edições de reisado existentes na história do município. O propósito deste trabalho é tentar identificar, aproximadamente, desde quando surgiu o reisado no município, buscando uma reconstrução do trajeto histórico até os dias atuais e apontando suas dificuldades para manter-se enquanto cultura folclórica sobrevivente.

Para atingir tal objetivo, este artigo está dividido em duas partes. Na primeira parte, apresentamos o pensamento de alguns autores sobre bases conceituais de cultura popular e cultura folclórica, com o objetivo de situar o reisado como expressão do folclore, através de um processo de resistência e adaptação, ora mantendo suas tradições, ora se reinventando. Na segunda parte, apresentamos os resultados de entrevistas realizadas com membros brincantes do reisado de Groaíras/CE, no intuito de coletar informações que

¹ Graduando do Curso de Licenciatura em História da Universidade Estadual Vale do Acaraú–UVA.

nos possibilitem identificar uma origem aproximada do reisado neste município. As primeiras entrevistas foram realizadas no dia 1º de maio de 2018, individualmente com o líder do grupo, e no dia 4 de maio de 2018, com outros três componentes. Para efeito de complementação ou esclarecimentos, realizamos mais entrevistas com os mesmos membros nos dias 17 e 19 de setembro de 2018. Todas as entrevistas foram gravadas com a autorização dos participantes.

Cultura popular e reisado: contextualização

206 | Ao longo da história da humanidade nos deparamos com uma diversidade de entendimentos ao tratarmos de cultura, uma vez que esta perde ou ganha elementos conceituais importantes, na medida em que se adequa ao tempo e ao espaço que a abriga, chegando, em muitos casos, a ser fonte de conflitos. Dos que a viam como herança genética aos que a defendem como um resultado do meio; dos que a relacionam ao conhecimento formal aos que a relacionam às expressões artísticas; dos que a usam para referir-se às festas e cerimônias tradicionais aos que a percebem como crenças, lendas e costumes; percebe-se que “cultura é definida como tudo aquilo que o homem cria, aprende, constrói e compreende, a partir de tudo que aprendeu por meio das experiências, vivências e estudos ao longo da vida”².

Dentro da cultura em geral, o conceito de cultura popular, segundo Mira (2016), tem sido objeto de disputas, tanto no campo teórico quanto no campo da produção. A autora aponta para uma construção teórica dos próprios agentes envolvidos com as práticas referendadas sob esta temática. Citando Burke (1989), Mira nos remete à ideia de cultura popular como uma volta à natureza, sinônimos de simplicidade e autenticidade, em contraponto com as elites das cortes. A ideia de cultura popular, assim, compreendia “os contos e cantos dos camponeses, suas danças e outras formas de expressão capazes de representar a pureza e a essência da nação”³.

A partir do século XVI, essa cultura festiva do mundo tradicional dos camponeses, entretanto, passou a ser fortemente reprimida por alguns setores da sociedade, como a religião. As missas cômicas e as paródias de textos canônicos levaram a Igreja Católica a considerar tal cultura como herética.

² SOUSA, Maria de Lourdes Macena de. *Sendo como se fosse*. As danças dramáticas na ação docente do ator-professor. Escola de Belas Artes da Universidade Federal de Minas Gerais. Tese de Doutorado. 2014. Disponível em: file:///C:/Users/CRAS%20SEDE%2001/Downloads/sendo_como_se_fosse_tese_lourdes_macena.pdf, p. 46.

³ MIRA, Maria Celeste. *Entre a beleza do Morto e Cultura Viva*: a(s) cultura(s) popular(es) na virada do milênio e seus mediadores simbólicos. Caderno CRH v.29, nº 78. Salvador, set-dez, 2016. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010349792016000300427&lng=pt&nrm=iso, p. 430.

Após a Reforma Protestante, a prática desta cultura passa a ser condenada por “motivo de ócio, desperdício e licenciosidade”⁴, provocando o afastamento das elites em razão da sua “vulgaridade e mau gosto”⁵. Na segunda metade do século XX, ocorre uma espécie de retomada da cultura popular, agora sob forte viés antropológico, despida de conservadorismo típico dos séculos anteriores.

A cultura popular engloba o folclore, caracterizado pelo saber informal, aprendido e apreendido pelas vivências, pela oralidade, constituído pelo espontâneo e pela “inventiva humana peculiar e informal”⁶. Uma das expressões da cultura folclórica são as danças dramáticas, termo cunhado por Mário de Andrade, “para designar eventos espetaculares com características específicas, que utilizam dança, música, representação, ritos, crenças e brincadeiras de caráter ancestral”⁷. O reisado é um tipo de dança dramática, onde:

[...] encontra-se uma diversidade de personagens cômicos e livres em texto oral específico, sendo que a atuação de cada um depende de sua capacidade de inventiva própria, da forma como consegue improvisar a partir da realidade de cada momento vivido e, principalmente, a presença de um mundo fantástico diferenciado onde homens, bichos e outros seres caminham numa mesma ordem, numa única lógica, podendo cantar, dançar, falar e ter vida própria definida a partir de seu papel⁸.

|207

Carvalho recorre a Florestan Fernandes para apresentar a cultura popular enquanto uma dicotomia entre tradição/modernidade, cujas temporalidades contraditórias (elite/classe popular) resultam da institucionalização da sociedade capitalista, que atribuía às classes populares a conservação social e às elites as inovações⁹.

Como dança dramática, o reisado apresenta a característica da crença, da devoção e do rito. Brantes nos aponta o espetáculo como sendo:

[...] uma forma de devoção associada ao episódio bíblico da visita dos três Reis Magos ao Menino Jesus (Tinhorão, 2000).

⁴ *Id. Ibid.*

⁵ *Id. Ibidem.*

⁶ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 49.

⁷ *Id. Ibid.*, p. 54.

⁸ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 81.

⁹ CARVALHO, Mônica de. Folia de Reis não é folia de rádio. *Revista de Sociologia Tempo Social*, v. 22, nº 2. São Paulo, novembro de 2010. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ts/v22n2/v22n2a11.p.220>.

Entre os dias 25 de dezembro e 6 de janeiro, os reiseiros peregrinam pelas comunidades rurais vizinhas entrando de casa em casa. O ritual da visita é baseado numa relação de troca material e espiritual entre os devotos, o dono-da-casa e o Santo Reis. Os devotos abençoam a casa com cantos sagrados e recebem dinheiro dos donos-das-casas para a realização da festa em homenagem ao Santo, que acontece no final do período de peregrinação¹⁰.

Em consonância com Brantes, Farias complementa que o reisado “foi introduzido no Brasil pelos portugueses no século XIX”¹¹, enfatizando que “no interior é uma dança do nascimento de Jesus Cristo e homenagem aos Reis Magos Gaspar, Melchior e Baltazar, que levaram ouro, incenso e mirra, representando as três dimensões de Cristo: realeza, divindade e humanidade”¹².

208 | Brantes assinala que o reisado foi objeto de estudos no campo do folclore até a década de 1960, passando nas décadas de 1970 e 1980 a ser objeto estudado na seara do catolicismo popular, analisados por cientistas sociais, com foco nas relações de trocas sociais no meio rural. Pesquisadora com experiência teatral e “reiseira”, Brantes nos apresenta o Reisado do Mulungu no município de Boninal, situado na Chapada Diamantina, na Bahia, como processo de “sacralização” dos lares que recebem a visita dos devotos.

Como um dos primeiros registros sobre o reisado no Ceará, Nunes nos aponta uma “Festa de Reis do Congo”, no século XVIII, narrada por Dom José Tupinambá da Frota em seu livro “Histórias de Sobral”, de 1974. Segundo a autora,

A festa era celebrada no dia 27 de dezembro pela Irmandade Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, recebendo a denominação de Reisado. Esta se tratava da coroação de um rei Cariongo e de uma Rainha, em cortejo festivo, apresentação de “cantigas” e entremezes onde aparecia inclusive a negra Catirina, personagem que aparece na maioria dos reisados atuais¹³.

¹⁰ BRANTES, Eloísa. A espetacularidade da performance do ritual no reisado do Mulungu (Chapada Diamantina – Bahia). *Revista Religião e Sociedade*, v. 27, nº 1. Rio de Janeiro, 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rs/v27n1/a02v27n1.pdf>, p. 25.

¹¹ FARIAS, Maria Jozeneura Florencio. O Reisado como tradição de um povo. Meruóca-CE. (2005 a 2011). In: SILVA JÚNIOR, Agenor Soares e; SANTOS, Carlos Augusto Pereira dos. *Histórias do Ceará*. Experiências de pesquisas dos alunos e professores do PARFORUVA. Sobral-CE. 2009-2011, Fortaleza: Expressão Gráfica, 2013, p. 94

¹² *Idem*.

¹³ NUNES, Cícera. *Os reisados em Juazeiro do Norte-CE e os conteúdos da história e cultura africana e afrodescendente: uma proposta para a implementação da Lei nº 10.639/03*. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Universidade Federal do Ceará – UFC. Dissertação de Mestrado. Fortaleza/CE, 2007. Disponível em: http://www.repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/2982/1/2007_dis_CNunes.pdf, p. 104.

Farias ressalta a importância de manter a tradição no reisado da Meruoca-CE, um dos mais tradicionais da zona norte do estado. A autora nos apresenta o reisado local como “uma festa colonial de resistência à dominação a partir dos antepassados”¹⁴, mas enfatiza as alterações sofridas pelo folguedo nas diversas regiões onde era praticado, “adquirindo ares de renovação por meio da festa”¹⁵.

Na cultura popular, a tradição convive diretamente com a renovação, já que a memória é o terreno próprio de sua existência e se reatualiza a partir da própria dinâmica da sociedade. Nas palavras de Sousa:

Tradição é o ontem no hoje, no aqui e agora, naturalmente. É o que se faz cotidianamente, independentemente dos modismos e das novidades. Ela é parte integrante também do que se chama de atual, pois é feita na contemporaneidade, com uma diferença: tem mais tempo de vida e existência e, portanto, mais referência no grupo social, fortalecendo os aspectos identitários do próprio grupo¹⁶.

A respeito da relação dicotômica tradição/modernidade, presente no reisado, Sousa analisa o Reisado da Comunidade Cipó de Baixo, no município de Pedro II, no Piauí, buscando os processos de permanência e resistência presentes na brincadeira nos tempos atuais, considerando os movimentos constantes do tempo e da vida social que promovem os processos de continuidade e rupturas.

O autor apresenta as novas tecnologias, saberes múltiplos, demandas políticas, comportamentos plurais, economia, direitos humanos, entre outros, como fatores que “têm levado a humanidade a uma continuada e acelerada transformação”¹⁷. Em se tratando do reisado, Sousa nos mostra algumas mudanças já perceptíveis na tradição, tais como: ampliação do calendário da festa, que antes era de 25 de dezembro a 6 de janeiro; articulações com escolas e agentes públicos como possíveis parcerias, apresentações em outras datas do ano; e palestras como novos recursos utilizados na tentativa de preservação da tradição.

Mas o reisado é, também, preservação e fortalecimento de padrões tradicionais de sociabilidade, principalmente nas comunidades rurais. As apresentações possuem um poder que Baumann chama de “poder aglutinador

¹⁴ FARIAS, Maria Jozeneura Florencio, *Op. cit.*, p. 94.

¹⁵ *Idem.*

¹⁶ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 64.

¹⁷ SOUSA, Luciano de Melo. *Brincadeira do reisado na modernidade: identidade cultural que navega entre resistência e transformação*. Revista História e Cultura, v.2, nº 2. Franca, São Paulo, 2013. Disponível em: file:///C:/Users/edvan/AppData/Local/Packages/Microsoft.MicrosoftEdge_8wekyb3d8bbwe/TempState/Downloads/879-3865-1-PB.pdf, p. 215.

das vizinhanças”¹⁸, a partir do movimento que Brantes chama de “relações entre os devotos/Santo/dono-da-casa”¹⁹, onde a dimensão do *levar a festa se sobrepõe* à dimensão do *ir à festa*.

E, mesmo em tempos de fragmentação, individualismo, competitividade e crise das tradições, o reisado mantém acesa a chama da cultura folclórica, talvez porque a história dos brincantes e amantes do reisado e, muitas vezes, da própria comunidade, se confunda com a história das práticas culturais. Nas palavras de Sousa, “brincantes e amantes do reisado renovam certas crenças, laços sociais, costumes e valores, ano após ano”²⁰, em um processo de reconhecimento e pertença social.

O reisado de Groaíras-CE

210 | Groaíras é um município de pequeno porte I, segundo classificação estabelecida pelo Instituto de Pesquisa e Estratégia Econômica do Ceará – IPE-CE, baseada no contingente populacional. Com 61 anos de emancipação política, Groaíras fica situado na zona noroeste do Estado do Ceará e conta com pouco mais de 10 mil habitantes, dos quais mais de 3 mil residem na zona rural, segundo o Censo de 2010. Sua extensão territorial é de aproximadamente 157 km² e sua divisão administrativa conta com um distrito (Itamaracá). Entre suas expressões culturais, destacam-se festejos religiosos da Padroeira Nossa Senhora do Rosário, o Carnaval e o Reisado.



Figura 1. Ensaio do Grupo de Reisado Groairense. Em sentido horário: Eliézio, Otalício, Tarcísio e Sansão. Registro fotográfico feito pelo autor em 04 maio 2018. Groaíras-CE.

¹⁸ BAUMANN, 2005, *Apud* SOUSA, Luciano de Melo, *Op. cit.*, p. 218.

¹⁹ BRANTES, Eloísa, *Op. cit.*, p. 26.

²⁰ SOUSA, Luciano de Melo, *Op. cit.*, p. 218.

O reisado no município é, atualmente, representado por apenas um grupo, o Reisado da Cultura Groairense, formado em 2017, tendo como Mestre o Sr. Antônio Elias Melo²¹, conhecido por todos como Sansão, e como componentes principais os Srs. Tarcísio Francisco Oliveira²², conhecido como Tarcísio Brasiliano; Otalício Loiola Melo²³, conhecido por Otacílio; e Francisco Eliézio²⁴. Existem também outros brincantes, como os “meninos gêmeos”, mas estes iniciaram suas atividades neste grupo há pouco tempo, não tendo outros registros de reisados e, por isso, não foram entrevistados por ocasião deste trabalho.

Os primeiros grupos dançantes do reisado no município de Groaíras, segundo a narrativa de Seu Sansão, eram originários de duas localidades: Boa Vista e Floresta²⁵. Segundo Seu Sansão, “se batia, Boa Vista com a Floresta, eles era tudo duma idade”²⁶. Nenhum dos dois grupos existe mais, deixando uma lacuna imensa para a cultura popular do município. A retomada da tradição do reisado pelo grupo liderado por Seu Sansão é de extrema importância, por manter viva a cultura popular. Por entender que a tradição do reisado é importante para todo o município, o grupo escolheu o nome Reisado da Cultura Groairense a fim de incluir todo cidadão do município que deseje participar.

De acordo com a narrativa dos membros do Reisado da Cultura Groairense, não há como precisar a data de origem do reisado em Groaíras, pois todos são unânimes em dizer que desde sua infância já viam suas famílias envolvidas com o folguedo e acreditam que a tradição vem de tempos mais antigos. Mas os brincantes também apresentam contradições em suas informações. Tarcísio aponta para o Reisado dos Silivanas como sendo o mais antigo da sede, perdendo apenas para o Reisado do Capim. Já Mestre Sansão relata que

Aqui em Groaíras mermo num tinha, é no sertão. Tinha Boa Vista, que era os nossos. Tinha aqui na Floresta, que era do Pe-

²¹ O Sr. Antonio Elias Melo, conhecido por todos como Seu “Sansão”, é agricultor aposentado, nasceu em 05/08/1945, na localidade de Fechado, interior do município de Groaíras. Começou como brincante de reisados aos 12 anos de idade, já desempenhando o personagem do Boi, ou “boieiro”. Interrompeu a participação com a maioria e a mudança para o Rio de Janeiro, e a retomou em 2016, quando reuniu alguns amigos e criou seu próprio grupo de reisado.

²² Tarcísio Francisco Oliveira, 82 anos, agricultor aposentado, nasceu em 13/01/1936 na Boa Esperança dos Melos, localidade mais distante da sede. Seu Tarcísio desempenha o papel de Magarefe, tendo começado com aproximadamente 30 anos, mas enfatiza que brinca em todos os papéis.

²³ Otalício Loiola Melo, 66 anos, agricultor aposentado.

²⁴ Francisco Eliézio Araújo Alves, agricultor de subsistência, nasceu em 11/09/1966, na localidade de Capim. Iniciou suas atividades no reisado desde os 19 anos de idade, incentivado pelo pai, a quem considera “um grande homem da cultura”. Desempenha o personagem de Mateus. Ficou afastado do reisado por muitos anos, retomando as atividades em 2016.

²⁵ Localidades rurais que ficam distantes da sede em aproximadamente 5km a 8km.

²⁶ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Agricultor. Entrevista realizada pelo autor em 1º de maio de 2018. Groaíras-CE.

dro Paiva né, os Paiva. Tinha os Silivanas, né, os Silivanas... Os Paiva era junto com os Biana, também era um reisado bom²⁷.

Seu Sansão nos informa que participa de reisados desde seus 12 anos, quando “eu brincava de bate-boi, eu tinha um irmão que era mais velho e brincava de careta também”²⁸. Seu Sansão relembra as dificuldades da época, quando “a gente carregava o boi na cabeça, distância de três léguas²⁹, um levava um pedaço (tempo), outro levava outro... não tinha carro na época... quando não era na cabeça, era na garupa da bicicleta”³⁰. De maneira saudosa, o brincante relembra um grande grupo de amigos que brincavam reisado junto com ele. Seu Tarcísio arremata:

O boi era assim: nós tinha um rapaz que brincava nas figuras e ele levava o boi na garupa de uma bicicleta.... Amarrava com a liga, inda botava mais aquela burrinha dentro, e o bode... aí quando dava o vento, rapaz, faltava derrubar o cara com o boi (risos)³¹.

212 | Tarcísio Francisco Oliveira, conhecido como Tarcísio Brasileiro, é o membro mais velho do grupo e seus 82 anos revelam que o reisado tem raízes mais antigas ainda. Seu Tarcísio relata que desde menino acompanhava o reisado e que já existia por estas terras a tradição do folguedo. “Quando eu entrei no reisado das crianças aí eles descobriram que eu era, parece que eu já era acostumado a brincar, eu fazia tudo né, todas entradas... aí eu fui ser magarefe”³².

²⁷ *Idem.*

²⁸ *Idem.*

²⁹ *Idem.* Léguas: medida de distância antiga, usada ainda na atualidade, que equivale a pouco mais de 4km cada.

³⁰ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

³¹ Tarcísio Francisco Oliveira, 82 anos, agricultor. Entrevista realizada pelo autor em 4 de maio de 2018. Groairas-CE.

³² *Idem.* Magarefe é o personagem do Reisado responsável pela morte do boi.

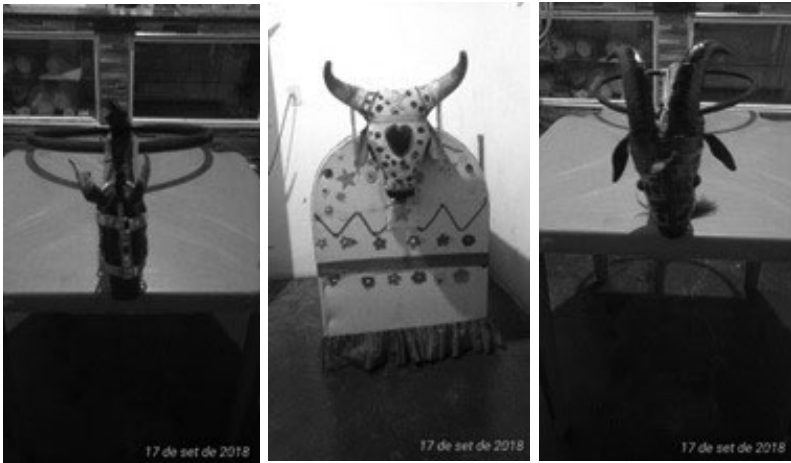


Figura 2. Estruturas utilizadas pelos brincantes do Reisado. A Burrinha; o Boi; e o Bode. Registros feitos pelo autor em 17 set. 2018. Groaíras-CE.

Os outros dois membros entrevistados, Otacílio Loiola Melo, conhecido por Otalício, e Francisco Eliézio, são os mais jovens do grupo, tendo respectivamente, 66 e 52 anos de idade, e relatam que iniciaram suas participações no reisado ainda crianças, a partir da vivência de seus pais na tradição. Seu Otalicio conta que:

Eu entrei nessa brincadeira quando eu era um menino, eu nasci e me criei no Flamengo... e outro, que meu pai foi quem tocou muitos anos em reisado, Afonso Melo, ele era um grande artista pra tocar reisado... eu menino ia acompanhando também, né³³.

Para Seu Eliézio, entrar no reisado tinha também uma conotação de homenagem ao pai, já falecido.

Quando meu pai brincava com o Tarcísio, Antero Bianco, Eduardo, finado Pedro Paiva... sempre eu ia pros terreiros só escutar, admirar e decorando alguma coisinha sobre a cultura... brinquei pouco tempo com ele, foi o tempo que Deus levou ele, né, aí eu fiquei, então essa homenagem eu levo considerando meu pai, é o mesmo que ele tá vivo³⁴.

O grupo relata que o município ficou um tempo sem reisado, apontando para um “sumiço” do folguedo. De acordo com informações aproximadas,

³³ Otacílio Loiola Melo, 66 anos, agricultor. Entrevista realizada pelo autor em 4 de maio de 2018. Groaíras-CE.

³⁴ Francisco Eliezio Araújo Alves, 52 anos, agricultor. Entrevista realizada pelo autor em 4 de maio de 2018. Groaíras-CE.

não houve reisado na cidade por uns 15 anos, “depois da saída do Antônio Júlio”, brincante tradicional, sem, no entanto conseguirem definir uma data para este evento. Os membros comentam um retorno do reisado em 2005, durante a gestão da prefeita Zoélia³⁵, que no primeiro ano “botou oito reisado por conta dela, no ano que ela assumiu!”³⁶, repetindo o feito em 2006.

Os brincantes relatam que houve edições do reisado em outras gestões, como, por exemplo, na gestão José Almir³⁷ e na gestão Ueliton³⁸, e que apenas na gestão Adail Melo³⁹ não houve nenhuma edição do reisado em Groaíras. No início do ano de 2017, surgiu um reisado na localidade de Boa Vista e Mestre Sansão foi assistir. Entretanto, ficou decepcionado com o folguedo, o qual, a seu ver, trouxe muitas incoerências com a brincadeira tradicional, inclusive personagens que não existem. “Inventaram um ‘lubisone’ que era um menino dentro dum saco de plástico com um balde na cabeça, sem graça nenhuma”⁴⁰.

Sobre o diálogo entre a tradição e a renovação, Sousa enfatiza o mundo das relações sociais baseadas na proximidade como sendo o responsável pela organização do reisado, mas lembra que, assim como as relações sociais, o reisado também está exposto às diversas referências culturais do mundo globalizado, numa dinâmica de manutenção e permanência da tradição *versus* a desconstrução e recriação da cultura.

214 |

Na era moderna, vimos nascer um mundo globalizado e com relações já não tão calcadas na proximidade e no sentimento de pertença. Os avanços trazidos por este tempo histórico exaltam o individualismo em detrimento do comunitário e, com isso, valores tradicionais foram redimensionados. Segundo Sousa:

O discurso pós-moderno trouxe a ideia da aldeia global, onde os meios de comunicação de massa fizeram do mundo o lugar de um povo só, com padrões pré-estabelecidos para bens de consumo e formas de agir, reconfigurando padrões estéticos e comportamentais, possibilitando a cada um a ideia das múltiplas identidades⁴¹.

Mas, como já dito, a memória é o chão da cultura popular e da cultura folclórica. E mesmo dividindo espaço com o novo, com o revisitado, com o redimensionado, alguns parâmetros se fixam como pontos de subsistência

³⁵ Maria Zoélia Loyola foi eleita prefeita do município de Groaíras para o mandato de 2005-2008.

³⁶ Antônio Elias Melo. Entrevista já citada.

³⁷ José Almir Matos Lopes foi eleito prefeito de Groaíras para o mandato 2009-2012.

³⁸ Francisco Ueliton Vasconcelos é o atual prefeito de Groaíras, eleito para o mandato de 2017-2020.

³⁹ Adail Melo foi eleito prefeito de Groaíras para o mandato de 2013-2016.

⁴⁰ Antônio Elias Melo. Entrevista já citada.

⁴¹ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 65.

dos constructos tradicionais. Apesar do hiato de tempo entre o período em que brincava reisado e a apresentação atual, Seu Sansão não esqueceu os detalhes da brincadeira, e sentiu-se na obrigação de resgatá-la e trazê-la para as novas gerações.

Eu disse lá, disse: olha turma, eu vou fazer um boi de reisado, vou fazer uma burra, vou preparar um reisado, viu? Vou preparar. Quando, se a gente preparar, a gente bota em campo. Eles disse: ora mais, isso num vai pra frente não. Eu digo vai, vai, depende de você ter gosto pra fazer⁴².

A “obrigação” citada por Seu Sansão talvez advenha da sua posição no reisado: mestre. O *Anuário do Ceará* 2018-2019, em sua seção “Mestres da Cultura do Ceará”, refere-se aos mestres como tendo papel principal na produção, conservação e transmissão da cultura popular, preservando a memória cultural do reisado e garantindo a perpetuação dos saberes e fazeres desta tradição (CEARÁ, 2018). Segundo Sousa:

Mestre – é aquele que detém o saber popular ancestral mantido na memória, e o vai repassando pela convivência, no cotidiano, na vida que leva para sua comunidade ou seu grupo. É conhecido também como “tesouro vivo” do lugar e se relaciona com os bens Imateriais, nos estudos do patrimônio. Hoje, existem várias recomendações, inclusive da UNESCO, para a atuação e relações de experiências com estes nas escolas para valorização e reconhecimento desses saberes ancestrais, principalmente no lugar onde elas existem⁴³.

|215

No intuito de contribuir com “o reconhecimento, a proteção e a valorização da diversidade de conhecimentos, fazeres e expressões das culturas populares e tradicionais no Ceará”⁴⁴, a Secretaria Estadual de Cultura do Ceará – SECULT realiza desde 2004 o Edital “Tesouros Vivos da Cultura”. O objeto do Edital é a seleção e nomeação de pessoas, grupos e coletividade “dotados de conhecimentos e técnicas de atividades culturais, cuja produção, preservação e transmissão [...] sejam representativas de elevado grau de maestria [...]”⁴⁵. A escolha é feita por comissão específica, baseada em critérios como relevância da vida e obra para a cultura; experiência e vivência dos costumes

⁴² Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista realizada em 1º de maio de 2018.

⁴³ SOUZA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 32.

⁴⁴ CEARÁ, Governo do Estado. *Anuário do Ceará* 2018-2019. Mestres da Cultura do Ceará. Disponível em <http://www.anuariodoceara.com.br/mestres-da-cultura-do-ceara/>. Último acesso em: 11 set. 2018, p. 1.

⁴⁵ *Idem*.

e tradições culturais; capacidade de transmissão e partilha do saber cultural; entre outros.

Apesar da existência de mecanismos legais de incentivo à cultura, ainda persistem dificuldades em se manter a tradição cultural do reisado. No caso de Groaíras, Seu Sansão aponta a falta de incentivos do poder público como um dos fatores determinantes. “O pessoal não tiveram mais gosto né? Os próprios políticos num teve mais incentivação do reisado”⁴⁶, afirma Seu Sansão, rememorando os tempos em que os políticos eram os primeiros a solicitar a apresentação do reisado em suas propriedades. Além disso, os custos financeiros de se fazer um reisado são consideráveis. Seu Eliézio nos lembra dos gastos referentes ao folguedo:

[...] é porque sai altíssimo viu, você organizar. Só ele aí (Sansão) quem sabe o preço altíssimo. Porque juntar o grupo é uma coisa e fazer as figura é outra. Porque vem as figuras, vem o nosso traje, vem o sapato, isso tudo é caríssimo⁴⁷.

216 | Para uma apresentação bem-feita, são necessários diversos materiais, além do trabalho de alguns profissionais, inclusive o pagamento dos brincantes, que hoje não se apresentam mais de forma gratuita, apenas pela brincadeira. Além disso, é necessária também toda uma estrutura, como transporte, divulgação, som, que necessita de incentivos tanto do poder público quanto da população, contratando o grupo de reisado para apresentações particulares. Todo este aparato revela em si um processo de ruptura com a brincadeira tradicional, realizada de maneira mais artesanal, em geral em torno de uma comunidade pequena ou familiar.

A respeito do retraimento das políticas públicas de incentivo à cultura popular e à cultura folclórica em especial, Sousa nos apresenta o pensamento de Mário de Andrade no livro *Danças Dramáticas do Brasil*, no qual o autor enfatiza uma possível morte das danças estudadas por ele e sua equipe no século XX. Sousa, no entanto, discorda desta perspectiva, afirmando que, mesmo diante do retraimento ou da ineficiência das políticas públicas voltadas à cultura, “temos hoje danças dramáticas espalhadas em grande parte do território brasileiro, resistindo e se reinventando diante do contexto socio-cultural em que vivem e/ou que lhes é imposto”⁴⁸.

Segundo Sousa, as festas familiares e comunitárias que não contavam com a mediação monetária, as composições sem direitos autorais, os encontros para contar os “causos”, as falas libertas de regramentos e cheias de

⁴⁶ Antônio Elias Melo. Entrevista já citada.

⁴⁷ Francisco Eliezio Araújo Alves. Entrevista já citada.

⁴⁸ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 49.

irreverência, são características de relações construídas em ambientes mais tradicionais⁴⁹. Em contraponto, o autor nos apresenta fatores como a indústria cultural, a competição, a qualificação e o status econômico como características de relações modernas, conflitantes com o mundo da “solidariedade comunitária”⁵⁰.

Além do incentivo do poder público, o líder do reisado de Groaíras aponta também a falta de interesse da população em receber o reisado. Segundo os brincantes, muitas localidades no interior de Groaíras têm algum estabelecimento comercial do tipo bar, considerado normalmente como o único ponto de “diversão” da localidade. Os proprietários também podem patrocinar a tradição, recebendo em troca ganhos com a venda de produtos. Um dos entrevistados narra uma destas experiências.

Lá no Diolindo, lá no Barro Duro, nós fomo brincar lá... lá é por conta deles mesmos, num teve prefeitura, ele mesmo patrocinou, pagou né, disse que gostou... Deu pra se sair bem né, que vendeu muita cerveja, tinha muita gente... que aí o pessoal não vê isso, né?⁵¹

Os brincantes recordam dos tempos áureos do reisado em Groaíras, na década de 1960 a 1970. Seu Eliezio recorda que “era tanta tradição que eu alcancei, criança, meu pai levando um banco pros filhos e a esposa dele se sentar porque era um mundo de gente tão grande, rapaz”⁵². O grupo recorda que eram tempos em que não se tinha as facilidades e tecnologias que se tem nos dias de hoje, conotando a estes uma maior valorização e preservação das práticas culturais, além de serem mais propensos ao encontro, às reuniões familiares e comunitárias.

Naquele tempo fazia tudo no escuro, num tinha luz, num tinha televisão, todo evento, até uma cantoria que tinha, era assim, lotado... hoje o pessoal, esse negócio de televisão é não sei o quê, internet é não sei o quê, é pouca gente que dá valor essas coisa⁵³.

Recordar é algo que os membros entrevistados fazem muito bem. Apesar de não haver registros escritos oficiais sobre o reisado, os membros lembram de cor todos os versos, ou toadas, como eles designam. Toda a tradição foi passada através da oralidade. Seu Tarcísio relata que “tô com 82 anos, acredi-

⁴⁹ SOUSA, Luciano de Melo, *Op. cit.*, p. 216.

⁵⁰ *Idem.*

⁵¹ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

⁵² Francisco Eliezio Araújo Alves. Entrevista já citada.

⁵³ Otacílio Loiola Melo. Entrevista já citada.

ta nisso? E faço esse trabalho, e até hoje não esqueci de nada”⁵⁴. Seu Otalício relembra que “eu tenho o reisado todim gravado na minha memória”⁵⁵, cultura aprendida com a observação do pai brincando o folguedo. Seu Tarcísio complementa que “ele aí (Otalício) acompanhava, ele conhecia o meu ritmo todo... ele tinha tudo decorado”⁵⁶. As falas mostram a importância que teve a memória e a oralidade para a manutenção da tradição do reisado de Groaíras.

Um fator complicador para a continuidade da tradição é a participação dos brincantes, que hoje só brincam por algum valor em dinheiro. Seu Sansão explica que o ideal seria que a brincadeira pudesse ser gratuita, assim todas as pessoas poderiam ter acesso, tanto como brincantes quanto como população. Entretanto, isso não é possível.

Os caretas não pode se ‘deslocalizar’ da sua casa até dez da noite, meia noite, todo dia, pra ir brincar a troco de quê... Suar, se cansar né? Tem que ganhar ao menos o do café no outro dia né? Que aí tocava o quê... tocava uma michariazinha pra cada um de 40 reais, 30...⁵⁷.

218 | Sobre a importância da retomada do reisado, os membros são uníssonos: Seu Sansão merece todo o mérito. “Ele (Sansão) que incentivou, mandou fazer as figuras, comprou sanfona, os calçados, chapéu de couro, tudo, tudo”⁵⁸, afirma Seu Tarcísio. “O reisado era pra não existir mais. Se ele aí (Sansão) não faz, pronto, tinha se acabado”⁵⁹, confirma Seu Otacílio. Seu Eliezio complementa, mostrando sua admiração pela forma com que o líder conduz o grupo, afirmando que “de chefe, eu já acompanhei reisado com muito chefe. Brinquei com chefe Antônio Júlio novo, chefe Domingos Crispim, mas chefe pra mim de alto nível se chama Seu Sansão”⁶⁰.

O reisado também tem sua dimensão social. Novos integrantes, adolescentes e jovens, estão chegando e desempenhando papéis importantes, como o Magarefe. Seu Sansão relata a fala de dois irmãos, adolescentes de 13 anos que residem na Floresta, que foram à sua casa se disponibilizar para brincar o reisado. Impressionado com a atitude dos adolescentes, o líder perguntou se eles realmente teriam o compromisso necessário para a empreitada: “Mas vocês garante mermo vir brincar o reisado e num faltar?”⁶¹ Ao que eles responderam: “Ora, ‘mairrapaz’, se é de nós tá em casa e usar maconha, droga, nós vem é brincar reisado, que droga num ficou pra gente”⁶².

⁵⁴ Tarcísio Francisco Oliveira. Entrevista já citada.

⁵⁵ Otacílio Loliola Melo. Entrevista já citada.

⁵⁶ Tarcísio Francisco Oliveira. Entrevista já citada.

⁵⁷ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

⁵⁸ Tarcísio Francisco Oliveira. Entrevista já citada.

⁵⁹ Otacílio Loliola Melo. Entrevista já citada.

⁶⁰ Francisco Eliezio Araújo Alves. Entrevista já citada.

⁶¹ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

⁶² Fala de irmãos gêmeos, integrantes recentes do grupo de reisado, nas palavras de Antônio Elias Melo

O grupo, entretanto, diverge em relação ao interesse dos mais jovens. “O público jovem não tem perigo dele vim pra cá”⁶³, lamenta Seu Otacílio. Já Seu Eliézio recorda que “sempre eu acompanhava essa brincadeira, essa cultura maravilhosa, sempre eu tinha um incentivo...”⁶⁴, fazendo alusão à figura de seu pai, grande incentivador da brincadeira do reisado. Seu Tarcísio pontua apenas que aos mais jovens faltam trejeitos necessários para a brincadeira. “Pela idade né? Porque os novatos não pega”⁶⁵, nos diz o idoso, apontando isso como uma das dificuldades em manter a tradição.

Esse movimento de resistência, tanto dos brincantes antigos em aceitar os novos, quanto dos novos em participar do reisado, talvez encontre explicação na própria essência do folguedo. O reisado é uma festa coletiva que exige criatividade e inventiva da parte dos brincantes, já que “mesmo algumas delas tendo textos orais fixos, seus brincantes vão atualizando-os, alterando pequenas partes para tornar sua brincadeira sempre nova diante do grupo”⁶⁶.

Sobre a dificuldade de ser líder de um grupo de reisado, Seu Sansão revela o segredo: “tem que ter muita paciência, porque aí são dez opinião”⁶⁷. O líder relata que cada brincante tem personalidade própria e lidar com todas elas juntas é o grande desafio: “As vez eu ficava em pé ali sem saber o quê que eu ia fazer... chegava lá, que ia brincar, aquele negócio, vestir aqueles traje e tudo, uns queria vestir de um jeito, outros queria vestir de outro... você vê a ideia do povo”⁶⁸.

Questionados sobre o que lhes motiva para dar continuidade à tradição do reisado, os membros do grupo relatam o prazer que têm em brincar e a dimensão de homenagem de cada um aos seus familiares. Seu Eliézio recorda o quanto o pai lhe ensinou: “Vez em quando papai tocava essas toadas de reisado, e eu só ouvindo... hoje eu sei delas tudin, eu sei o reisado todo completo”⁶⁹. Nas palavras de Seu Sansão,

O que me motiva? Rapaz é só o prazer que eu tenho né? Aquele prazer daquela brincadeira porque eu gosto né? Desde de eu pequeno né, de minino, que eu assistia a gente brincar em reisado... Muito bom, muito beleza... e num tem outra, num tem outra, outra diversão, outra coisa aqui na Groaíras, num tem, você pode procurar que num tem. A num ser um forró dum bate chinelo ali, tal e tal, outra coisa num tem⁷⁰.

(Mestre Sansão). Entrevista já citada.

⁶³ Otacílio Loiola Melo. Entrevista já citada.

⁶⁴ Francisco Eliezio Araújo Alves. Entrevista já citada.

⁶⁵ Tarcísio Francisco Oliveira. Entrevista já citada.

⁶⁶ SOUSA, Maria de Lourdes Macena de, *Op. cit.*, p. 83.

⁶⁷ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

⁶⁸ *Idem*.

⁶⁹ Francisco Eliezio Araújo Alves. Entrevista já citada.

⁷⁰ Antônio Elias Melo (Mestre Sansão). Entrevista já citada.

Considerações finais

Pelo relato dos entrevistados, concluímos que o reisado tem raízes no município de Groaíras que remontam a períodos anteriores à década de 1936, data de nascimento do membro mais velho, Seu Tarcísio, indicando que o folguedo já era brincado antes mesmo da emancipação política do município, que data do ano de 1957. Os mesmos relatos dão indicativos de que a tradição data de tempos mais antigos, não sendo possível, entretanto, especificar uma data exata.

Como fatores que dificultam a continuidade da tradição do reisado em Groaíras, os brincantes apontaram para a falta de interesse do poder público e dos proprietários privados; o alto custo para se promover cada edição do reisado; a idade dos membros atuais, que dificultam a apresentação de uma performance condizente com o folguedo; e a pouca adesão de novos membros, para ventilar a tradição e garantir sua continuidade.

220 | Além de todos estes fatores, entendemos também que a falta de registros escritos oficiais sobre o reisado de Groaíras é mais um fator que dificulta a continuidade desta tradição, que tem sobrevivido de maneira exclusivamente oral, passada de geração em geração, o que pode ser considerado um risco para o folguedo, já que pelos relatos dos membros, o interesse da população tem diminuído ao longo dos anos.

Assim sendo, entendemos que este trabalho, para longe de trazer soluções para o problema da continuidade do reisado de Groaíras, na verdade expressa ainda mais problemas que necessitam do olhar público e comunitário, com o intuito de não deixar morrer a tradição da brincadeira de reisado no nosso município.

Sugerimos, além de medidas públicas de valorização e disseminação do reisado, outros trabalhos que possam contribuir para o registro escrito oficial sobre o folguedo, garantindo assim sua perpetuação enquanto cultura e expressão histórica de um povo.

Autores desta obra

Maria Malena Paiva Mesquita, Francisca Clédia Sousa de Oliveira, Letícia Rodrigues Gonçalves, Caubi Alves Braga, Naiane Nobre Martins, Pedro de Souza Filomeno Filho, Raimundo Nonato Fernandes, Jaiana Kelly Rodrigues Alcântara, Adelina Lopes Guimarães, Sebastião Ferreira Carneiro, Paulo Ênio de Sousa Melo, João Henrique Brito Lima, Natanael Lopes Alves, Vinícius Pereira de Sousa, Alan Silva de Moraes, Antônio Tarciano Aragão Sousa, Maria Deiziane Lino, Raimundo Sousa Alves, Cleane dos Santos de Medeiros, Nilson Almino de Freitas, Francisco Sávio Barbosa do Nascimento, Odail José Martins Freire, Valério Samarooni Moraes de Queiroz, Maely Alves de Mesquita, Carlos Augusto Pereira dos Santos

Nossa Gente, Nossa História é o resultado da escrita de vinte e três artigos, divididos em quatro partes temáticas que podem ser conferidas no sumário e ao longo do livro. Portanto, empreendemos um mergulho no universo sertanejo, falando da alegria da chegada do inverno, do inferno da seca e das práticas religiosas que beiram o fanatismo (Parte 1). Adentramos no mundo do trabalho e esticamos a jornada para compreendermos os projetos e propostas de escolarização e educação do nosso povo (Parte 2).

Por outro lado, foi necessário falarmos da diversidade cultural que nos caracteriza. O que tem em comum o universo *queer* no cinema e as sociabilidades homoafetivas no espaço citadino? O que um pai de santo e um conjunto de mulheres rezadeiras podem nos dizer sobre a prática da cura? Quais são as fronteiras culturais entre dançadores de reisado, jovens bailarinos da periferia e a obra do cantor Belchior? São interrogações que poderão ser respondidas, ou não, lendo-se o conjunto de artigos da Parte 3. Finalizando, como a política e a economia interferem no cotidiano de uma cidade? É o que os autores propõem discutir na Parte 4, evidenciando as características singulares na história dos municípios de Ibiapina e Camocim.

Agência Brasileira do ISBN

ISBN 978-85-9539-035-5



9 788595 390355